



SEXUALIDADE

GÊNERO E SOCIEDADE

Publicação semestral — Ano 3 — Número 5 — Junho 1996

Em perspectiva

O Programa de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Saúde, entrando no terceiro ano consecutivo desta publicação, articulou este quinto número de forma um pouco diferente. Isto se deveu à necessidade de dedicar maior espaço às informações sobre a conferência Repensando a Sexualidade – Perspectivas Internacionais sobre Gênero, Sexualidade e Saúde, realizada em abril, no Rio de Janeiro.

Trata-se, sem dúvida, de um evento de importância histórica, que reuniu, pela primeira vez no Terceiro Mundo, pesquisadores originários dos cinco continentes, com o objetivo de promover o intercâmbio internacional sobre as questões teóricas e metodológicas que despontam das investigações neste campo tão controverso da sexualidade entre os povos de diferentes culturas.

Assim, os leitores e leitoras mais atentos notarão que, em vez do ensaio originalmente publicado na primeira página, foi preparado um artigo pelos coordenadores do Programa, em colaboração com um jornalista, a fim de possibilitar um panorama atualizado das novas tendências mundiais no desenvolvimento da pesquisa sobre sexualidade, gênero e saúde.

NESTE NÚMERO

Novas tendências da pesquisa em gênero, sexualidade e saúde	1
Internacionais	2
Agenda	2
Resenha	3
Repensando a sexualidade	4
Trabalhos expostos na conferência ----	5

Novas Tendências da Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde

*Richard Parker, Regina Barbosa, Elias Fajardo**

Os seres humanos vivem em sociedades e culturas profundamente diferentes entre si. Enquanto fenômeno em constante construção em uma sociedade, a sexualidade é algo mutante, que apresenta muitas variações. A sexualidade tem uma história, e foi parte desta história que os pesquisadores presentes na conferência Repensando a Sexualidade – Perspectivas Internacionais sobre Gênero, Sexualidade e Saúde tentaram recuperar.

A partir do entendimento da sexualidade como um fenômeno construído social e culturalmente, a organização da conferência não se preocupou em fazer representar todo o leque de tendências na área de pesquisa do comportamento sexual existente hoje no mundo. Ao contrário, optou pelo construtivismo como vertente teórica e pelo aprofundamento, nesta perspectiva, dos principais pontos de confluência e de atrito, os impasses e os desafios que se apresentam na produção do conhecimento e nas formas de intercâmbio deste conhecimento com outros setores envolvidos na transformação da sociedade.

A relação entre gênero e sexualidade foi um dos eixos de discussão que mais provocaram debates na conferência. Verificaram-se com mais clareza duas tendências. Uma, baseada na argumentação clássica da teoria feminista, considera a construção social das relações de gênero um elemento prioritário para entender e analisar a sexualidade. Uma tendência mais recente defende atualmente uma separação, ou, pelo menos, uma descontinuidade, no plano teórico, entre gênero e sexualidade. Com isso evidenciou-se a necessidade de analisar com mais profundidade cada campo específico e as relações que se estabelecem entre eles. De acordo com esta última tendência, por exemplo, no campo do gênero o poder estaria referido muito mais às relações entre homens e mulheres, entre masculinidade e feminilidade.

(continua na pág. 6)

Internacionais

A XI Conferência Internacional de AIDS, a ser realizada em Vancouver entre os dias 7 e 12 de julho, acontecerá bianualmente pela primeira vez, após dez anos de encontros anuais. Em função disso, são grandes as expectativas de pesquisadores e ativistas quanto às novas descobertas e avanços em relação à epidemia de HIV/AIDS.

A conferência será organizada de acordo com quatro eixos (*tracks*): Ciência Básica; Ciência Clínica; Epidemiologia e Saúde Pública, e Ciências Sociais. Todas as atividades programadas serão inspiradas no tema comum *One World, One Hope*. Também pela primeira vez, os trabalhos apresentados e as discussões do *track* Ciências Sociais estarão organizadas segundo três abordagens temáticas: Mulher e HIV; Desenvolvimento e HIV e Vivendo com HIV. Espera-se a presença de mais de quinze mil pessoas do mundo inteiro. A próxima conferência, em 1998, será realizada em Genebra.

Para maiores informações, contatar:
Program Office, 1010 – 1090 W Pender, Vancouver, British Columbia, Canadá, V6E 2N7.

Estão programados ainda dois outros eventos internacionais para o segundo semestre:

• **XIV International Conference on the Social Sciences and Medicine**, de 2 a 6 de setembro, na Escócia, Reino Unido.
Informações pelo fax: (013) 397-55995.

• **II International Conference on Health and Human Rights**, de 2 a 4 de outubro, em Cambridge, EUA, organizada pela Harvard School of Public Health.
Informações pelo fax: (617) 496-4380.

Agenda Nacional

- **CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE**
De 2 a 6 de setembro, em Brasília.
- **SEMINÁRIO SAÚDE REPRODUTIVA EM TEMPOS DE AIDS**
Organizado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS e Instituto de Medicina Social/UERJ.
De 1 a 3 de dezembro, no Rio de Janeiro.
Informações pelo telefone (021) 224-1654.
- **8º ENCONTRO INTERNACIONAL MULHER E SAÚDE**
Março de 1997, no Rio de Janeiro.
Informações:
Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
Rua Bartolomeu Zunega, 44
05426-020 – São Paulo
tel: (011) 813-9767
fax: (011) 813-8578
E-mail: healthmeetin@ax.ibase.org.br

Atenção!

- O número de telefone do Programa de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Saúde mudou para (021) 568-0599. O número do fax continua o mesmo.
- Programa conta atualmente também com endereço eletrônico: sexgen@vmesa.uerj.br



SEXUALIDADE
GÊNERO E SOCIEDADE

ANO 5 - NÚMERO 5 - JUNHO 1996

Esta é uma publicação semestral do Programa de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Saúde – Centro de Pesquisa em Saúde Coletiva - CEPESC/IMS/UERJ.

Conselho editorial

Jane Galvão, Margaret Arilha,
Maria Luíza Heilborn, Regina
Maria Barbosa, Richard Parker.

Coordenação editorial

Regina Maria Barbosa

Redação e edição

Silvana Afram

Jornalista responsável

Silvana Afram - MTb 14.950

Secretaria de redação

Anna Paula Uziel

Execução: Luare Produções

Impressão: CHP

Tiragem: 1.000 exemplares

Apoio: Fundação Ford

Quebrando o silêncio

Elias Fajardo*

Quebrando o silêncio. Mulheres e AIDS no Brasil é a obra mais abrangente sobre o tema publicada até agora no país. Composto de artigos de especialistas de várias áreas, o livro apresenta um panorama sombrio: o Brasil é um dos países em que a doença caminha mais rápido entre as mulheres. Se tal tendência não for revertida, dentro de alguns anos atingiremos a proporção de um homem para cada mulher doente, como ocorre hoje na África Central, a região mais infectada do mundo, onde a transmissão heterossexual tem sido a principal forma de contaminação.

Entre as explicações sugeridas para o fenômeno, está a organização social das relações sexuais. Ou seja, os brasileiros ainda exercem sobre as brasileiras um poder muito grande e abrangente, inclusive o poder de contaminá-las. Mas a AIDS também aumenta no país devido a dificuldades no controle e no suprimento do sangue e, ultimamente, em função da rápida disseminação do uso de drogas injetáveis por parte de homens e mulheres.

Apesar do panorama alarmante, segundo Richard Parker e Jane Galvão, organizadores do livro, o impacto da epidemia no universo feminino continua a ser visto entre nós como algo secundário, "cercado pelo silêncio e pelo descaso tradicionalmente associados à sexualidade e à saúde femininas". Denunciam também que talvez em nenhum outro lugar do mundo "a omissão de responsabilidade em relação às mulheres e à AIDS tenha se feito tão profundamente como no campo das políticas públicas e dos programas oficiais associados ao controle da AIDS e aos serviços de saúde no Brasil".

Setenta e cinco por cento das mulheres que morreram de AIDS no município de São Paulo, entre 91 e 94, eram donas-de-casa. E, se no início da epidemia elas pertenciam às camadas mais favorecidas da sociedade, hoje a tendência inverteu-se: a doença cresce mais entre as brasileiras de menor poder aquisitivo, que por isso mesmo têm menos informação e acesso a serviços básicos de saúde.

Elisabeth Moreira dos Santos, em "AIDS e mulher: desafios para definições de políticas de intervenção", chega a traçar um perfil de uma paciente hipotética. A personagem tem 28 anos, duas filhas, é vendedora ambulante no centro do Rio desde que seu companheiro, já morto, foi diagnosticado com AIDS. A paciente acaba se afastando do tratamento. Na vida real, constatou-se que 40% dos casos acompanhados em um centro de referência de AIDS no Rio evadiram-se do tratamento médico.

Além disso, segundo Regina Barbosa e Wilza Villela, autoras do artigo "A trajetória feminina da AIDS", há maior demora em diagnosticar a AIDS entre as mulheres, resultando numa intervenção tardia e numa diminuição de seu tempo de sobrevivência. Muitas vezes, sintomas como fadiga, perda de peso e apetite, insônia e falta de ar, comuns tanto à AIDS como a outras doenças, acabam sendo atribuídos a fatores psicológicos do mundo feminino.

A prática heterossexual é considerada, desde 1989, a maior situação de risco, informa a médica sanitária Naila Janilde Seabra Santos, em "A AIDS entre as mulheres no estado de São Paulo". A constatação pode até ser considerada algo irônico, pois, até há algum tempo, acreditava-se que a relação heterossexual era uma forma de prevenção. Hoje, virou sinônimo de risco.

Como fazer com que as mulheres negociem o uso de camisinha com seus parceiros? Esta é uma grande questão que perpassa vários artigos do livro. Segundo a psicóloga Kátia Guimarães, autora do artigo "Nas raízes do silêncio: a representação cultural da sexualidade feminina e a prevenção do HIV/AIDS", é quase impossível conseguir que a mulher, "vista como alguém essencialmente virtuosa, tímida, passiva, frágil, dependente e fiel", leve o parceiro a adotar práticas sexuais seguras. Kátia entrevistou mulheres em vários hospitais do Rio e o depoimento de algumas impressiona. Uma advogada de 46 anos, soropositiva, confessou: "Quando eu soube do diagnóstico do meu marido, ele já sabia de sua doença há muito tempo. Mesmo queimando em febre e sabendo que estava doente, ele ainda insistiu em ter relações comigo sem preservativos."

Em geral, os especialistas concluem que apenas recomendar o uso de camisinha em qualquer relação sexual não resolve o problema. O ideal seria lutar para dar às mulheres (e a outros grupos específicos, como gays e usuários de drogas) um espaço para que discutam e construam seus próprios mecanismos de prevenção. Isto significaria debater coletivamente sobre a vida privada e as relações de gênero. E, a partir daí, formular uma proposta de prevenção mais adequada à realidade brasileira de modo geral e às realidades específicas de cada grupo.

Quebrando o silêncio. Mulheres e AIDS no Brasil, de Richard Parker e Jane Galvão (orgs.), Rio de Janeiro; ABIA/IMS/Relume Dumará, 1996. Coleção História Social da AIDS, nº 7.

* Elias Fajardo é jornalista.

Caminhos para repensar a sexualidade

Pela primeira vez no Terceiro Mundo, pesquisadores de vinte países se reuniram para repensar a sexualidade enquanto construção social e cultural.

Entre os dias 14 e 17 de abril foi realizada, no Rio de Janeiro, a conferência Repensando a Sexualidade – Perspectivas Internacionais sobre Gênero, Sexualidade e Saúde, organizada pelo Programa de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero e Saúde, do Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva (CEPESC), ligado ao Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sob a coordenação de Richard Parker, o evento contou com o apoio das Fundações Ford e MacArthur.

Durante quatro dias, mais de sessenta pesquisadores discutiram sobre sexualidade, um dos campos mais sensíveis e controversos do comportamento humano. Os países representados foram Cuba, Brasil, Estados Unidos, Austrália, Filipinas, Peru, Inglaterra, Nigéria, Papua-Nova Guiné, Tailândia, África do Sul, México, China, Indonésia, Chile, Quênia, Índia, Suíça, Argentina e Zimbábue. Ao todo, foram apresentados 31 trabalhos de pesquisa (*veja a página seguinte*).

Analisando as várias vertentes

teóricas e as diferentes manifestações da sexualidade, os painéis temáticos enfatizaram a realidade e o ponto de vista das populações dos países em desenvolvimento, onde os processos de modernização e as conseqüências de sua implementação ocorrem muito rapidamente, neste final do século XX. Com isso procurou-se entender melhor estas transformações e confrontar os problemas do Terceiro Mundo com a realidade dos países industrializados.

A construção da masculinidade no interior do México tem algo a ver com o comportamento sexual dos adolescentes brasileiros? Há algum ponto comum entre as condições de vida e a sexualidade das mulheres do Quênia e as das chilenas de classe média alta? A problemática dos trabalhadores sexuais da China tem áreas de contato com a de prostitutas e travestis da Tailândia? Questões como estas estiveram em foco e contribuíram para o incremento dos debates.

As mesas redondas trataram de temas como as redes sexuais; saúde reprodutiva e

sexualidade; HIV e AIDS; gênero, sexualidade e identidade; gênero e poder; pesquisa e intervenção; metodologia e interpretação.

Aprofundamento metodológico

Seguiu-se a este evento, nos dias 18 e 19 de abril, um seminário mais específico sobre Metodologia e Interpretação em Pesquisa sobre Sexualidade, com o objetivo de promover maior aproximação entre parte dos pesquisadores presentes à conferência e pesquisadores de vários estados brasileiros. Cerca de trinta participantes reuniram-se para aprofundar questões conceituais e metodológicas das investigações atuais neste campo.

Os temas enfocados giraram em torno de mudanças de paradigmas na pesquisa sobre sexualidade; linguagem, subjetividade e interpretação; metodologias de pesquisa e intervenção; e análise de um projeto de investigação transcultural que vem sendo desenvolvido em sete países, incluindo o Brasil.

Este evento deu continuidade aos Programas de Estudo em Sexualidade, Gênero e Saúde, que vêm sendo organizados pelo CEPESC/IMS desde 1994 e nos quais se verificou o crescimento da demanda por um aprofundamento das abordagens metodológicas das pesquisas em sexualidade, questões de gênero e saúde.

Trabalhos apresentados na conferência Repensando a Sexualidade

- Carole Vance (EUA)
Thinking Sex, Gender and Health (Pensando sexo, gênero e saúde)
- Gary Dowsett (Austrália)
Bodyplay: Corporeality in a Discursive Silence (O jogo do corpo: corporalidade em um silêncio discursivo)
- Michael Tan (Filipinas)
AIDS and Moral Panic in the Philippines (AIDS e pânico moral nas Filipinas)
- Rosalind Petchesky (EUA)
Sexual Rights: Inventing a Concept, Mapping an International Political Practice (Direitos sexuais: inventando um conceito, mapeando práticas políticas internacionais)
- Jorge Perez (Cuba)
Sexual Networks in Cuba: Results from the Study of HIV/AIDS (Redes sexuais em Cuba: resultados de estudos sobre HIV/AIDS)
- Carol Jenkins (Papua-Nova Guiné)
Networks and Sexual Culture in Contemporary Papua New Guinea (Redes e cultura sexual na Papua-Nova Guiné contemporânea)
- Kate Bond (EUA/Tailândia)
Friends and Lovers: Social and Sexual Networks of Urban Migrants in Northern Thailand (Amigos e amantes: redes sociais e sexuais entre migrantes urbanos no norte da Tailândia)
- Rose Sanchez (Filipinas)
Speaking Out: Hospitality Women in Davao City (Fazendo-se ouvir: prostituição feminina na cidade de Davao)
- Monica Gogna (Argentina)
Gender Stereotypes and Power Relations: Unacknowledged Risks for STDs (Estereótipos de gênero e relações de poder: os riscos desconhecidos das DSTs)
- Ivonne Szasz (México)
Separating Sexual Intercourse from Reproduction: A Study on a Rural Context of Mexico (Separando intercurso sexual e reprodução: um estudo no contexto rural no México)
- Michael Mbizvo (Zimbábue)
Reproductive Health and Sexuality: Negotiating the Case for Shared Responsibility (Saúde reprodutiva e sexualidade: negociando a responsabilidade compartilhada)
- Zhang Kong-Lai (China)
Sexual Behaviors Related to HIV Transmission and Prevention among Commercial Sex Workers (CSWs) in Reeducation Centers and among Male Laborers Working Abroad in China (Comportamento sexual relacionado à transmissão e prevenção do HIV entre trabalhadores do sexo em Centros de Reeducação e trabalhadores que moram fora China)
- Annie George (Índia)
Gender, Sexuality and HIV/AIDS: Reflections from India (Gênero, sexualidade e HIV/AIDS: reflexões sobre a Índia)
- Veriano Terto (Brasil)
Male Homosexuality and Seropositivity: The Construction of Social Identities in Brazil (Homossexualidade masculina e soropositividade: a construção de identidades sociais no Brasil)
- Cindy Patton (EUA)
Globalizing Safe Sex (Globalizando sexo seguro)
- Warunee Fongkaew (Tailândia)
Early Adolescent Girls in Transition in a Peri urban Thai Community: Perceptions of Gender Roles and Sexuality (Adolescentes jovens em transição em uma comunidade da periferia urbana na Tailândia: percepções de papéis de gênero e sexualidade)
- Juan Carlos Hernandez (México)
Bisexuality in Veracruz State: The Case of Tecolutla (Bissexualidade no estado de Veracruz: o caso de Tecolutla)
- Maria Raguz (Peru)
Social and Psychological Constructions of Woman, Man, Femininity & Masculinity and Gender in Various Peruvian Populations (Construções sociais e psicológicas de mulher, homem, feminilidade, masculinidade e gênero em diversas populações do Peru)
- Dédé Oetomo (Indonésia)
Constructing and Challenging Masculinity in Indonesia: Gender Categories and Sexualities in a Changing Society (Construindo e transformando a masculinidade na Indonésia: categorias de gênero e sexualidades numa sociedade em mudança)
- Teresa Valdés (Chile)
Power and Sexuality in Upper-Middle Class Women Lives (Poder e sexualidade na vida de mulheres de classe média alta)
- Elizabeth Ngugi (Quênia)
Gender Power Inequality: An African Perspective (Desigualdade de Poder e Gênero: uma perspectiva africana)
- Regina Barbosa (Brasil)
Gender and Power: Sexual Negotiation in the Time of AIDS (Poder e gênero: negociação sexual em tempos de AIDS)
- Purnima Mane (Índia/Suíça)
Cross-National Perspectives on Gender and Power (Perspectivas transnacionais de gênero e poder)
- Renu Khanna (Índia)
Research and Intervention: A Woman-Centered Perspective (Pesquisa e intervenção: uma perspectiva centrada na mulher)
- Rafael Diaz (EUA)
A Psycho-Cultural Theory of HIV Risk for Empowering AIDS Education (Uma teoria psico-cultural do risco do HIV para fortalecimento da educação sobre AIDS)
- Eleanor Preston-Whyte (África do Sul)
Sexual Networks, Race, Gender and Prostitution: Cross-Cultural Perspectives from South Africa (Redes sexuais, raça, gênero e prostituição: perspectivas transculturais da África do Sul)
- Vera Paiva (Brasil)
The Sexual Subject: Societal Vulnerability, Gender and Empowerment (O sujeito sexual: vulnerabilidade social, gênero e empowerment)
- Anke Ehrhardt (EUA)
Differences in Sexual Behavior Within the Context of Gender Scripts (Diferenças no comportamento sexual dentro do contexto de gênero)
- Ana Amuchastegui (México)
The Interview as Dialogue: Negotiation of Meanings of Virginity and Sexual Initiation in Mexico (A entrevista como diálogo: negociação dos significados da virgindade e da iniciação sexual no México)
- Peter Aggleton (Inglaterra)
Methodology and Understanding (Metodologia e interpretação)
- Carlos Caceres (Peru)
The Production of Knowledge on Sexuality in the AIDS Era: Some Opportunities and Challenges (A produção de conhecimento sobre sexualidade na era da AIDS: algumas oportunidades e desafios)

Novas tendências da pesquisa...

Já no campo da sexualidade, o poder se organizaria ao redor de categorias biomédicas, como a heterossexualidade, a homossexualidade, as perversões. Organizados de uma maneira ou de outra, ambos os poderes se entrelaçariam, de tal forma que o poder que oprime as mulheres nas relações de gênero poderia cruzar com o poder que reprime as mulheres homossexuais no sistema de sexualidade. O que se sublinha é que estes são poderes distintos e devem ser analisados nesta perspectiva, permitindo uma reflexão crítica a partir da qual se busque transformar as relações de dominação existentes.

Esta tendência é, sem dúvida, representada por Carole Vance, dos Estados Unidos, com sua exposição "Pensando sexo, gênero e saúde", que problematiza as formas de articulação possíveis entre sexualidade, gênero e saúde.

A relação entre igualdade de gênero e autonomia na tomada de decisões relacionadas à vida reprodutiva e sexual esteve presente de diferentes maneiras em várias apresentações.

As relações de poder presentes nas práticas sexuais e a vulnerabilidade da mulher à infecção pelo HIV foram igualmente enfatizadas por Purnima Mane, do Programa Global de AIDS da Organização Mundial da Saúde. A partir de estudos sobre negociação sexual e condom feminino realizados na Costa Rica, Indonésia, México e Senegal, a pesquisadora enfatizou a necessidade de um método de prevenção voltado especificamente para a mulher, como estratégia para ampliar seu poder e reduzir os comportamentos sexuais de risco.

O trabalho de Monica Gogna e Silvina Ramos, da Argentina, chama a atenção para a relação entre poder de gênero e condição de conhecimento e proteção do próprio corpo. As pesquisadoras enfatizam a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as normas culturais que formam as concepções de gênero e sexualidade para viabilizar propostas de educação para a saúde.

Nesta perspectiva, uma palavra-chave para entender as discussões ocorridas na conferência é *empowerment*, que poderia ser traduzida provisoriamente por "conscientização", ou seja, o processo de fortalecimento de grupos sociais específicos, entre eles as mulheres.

O trabalho de Teresa Valdes, do Chile, trata das relações de poder que se estabelecem nos relacionamentos conjugais, constituindo uma escala de variações que abrange desde relações onde cabe ao homem a tomada de decisões, até as chamadas relações igualitárias. Afirma que obter sua própria renda trabalhando fora não garante às mulheres,

necessariamente, conquista e exercício de poder, apontando a auto-estima como fator fundamental para que esse processo se desenvolva.

Constatou-se também a necessidade de entender a relação entre poder e gênero de forma mais matizada, rompendo com uma tradição teórica que associa a idéia de poder a amplas categorias de gênero, como a opressão feminina e a dominação masculina, cuja tradução é o discurso da vitimização da mulher, que não teria saída diante da supremacia masculina. De acordo com essa posição, a assimetria de poder entre os gêneros é sem dúvida uma realidade; no entanto, concebê-lo de maneira estanque, como um bloco monolítico, como algo absoluto contra o qual não existe nenhuma possibilidade de resposta, de reação, de resistência, pode ser particularmente simplificador dos jogos envolvidos nas negociações em torno da experiência sexual, como enfatiza o trabalho de Regina Barbosa e Anna Paula Uziel, do Brasil. As pesquisadoras apontam para o fato de que, no caso da opressão feminina, onde existe poder existe resistência e se criam caminhos para exercitar contrapoderes.

A necessidade de compreender as nuances da relação entre gênero e sexualidade foi enfatizada também por Anke A. Ehrhardt, dos Estados Unidos. A pesquisadora afirma que, nas sociedades ocidentais, a atração entre homens e mulheres e suas negociações em torno de encontros românticos estão em constante transição. As mudanças dos papéis dos gêneros em muitas áreas da sociedade afetaram o comportamento sexual, provocando incertezas e inseguranças a respeito de normas que regulam o desempenho de homens e mulheres. Ehrhardt acredita que uma exploração qualitativa das narrativas de homens e mulheres sobre suas fantasias sexuais e românticas poderá informar melhor acerca dos atuais padrões de comportamento, tornando mais eficazes as campanhas sobre o uso da camisinha e outras mensagens sobre sexo seguro.

Abordagens metodológicas

Peter Aggleton, da Inglaterra, analisando criticamente diversas pesquisas do Programa Global de AIDS da Organização Mundial de Saúde, identificou dois paradigmas metodológicos. O primeiro é a enumeração de atos e comportamentos sexuais de risco. O segundo procura identificar os diferentes significados, culturas e identidades sexuais. Apesar de considerar que as duas tendências não são necessariamente conflitantes e podem se complementar, seu trabalho, "Metodologia e interpretação", foi um dos mais polêmicos, ao argumentar a favor de investigações mais qualitativas e menos quantitativas.

Novas tendências da pesquisa...

Segundo o pesquisador, as investigações quantitativas tentam agregar experiências de muitos indivíduos e, baseadas nesses dados, tirar conclusões sobre comportamentos coletivos. Mas, sublinha Aggleton, muitos cientistas que hoje trabalham com transformação social acreditam que "a soma é maior do que as partes". Isto é, não bastaria narrar experiências de muitos indivíduos para compreender uma mudança coletiva; ao contrário, seria necessário buscar mecanismos coletivos de mudanças e verificar como repercutem na experiência de cada indivíduo.

O trabalho de Katherine Bond, intitulado "Amigalhos e redes sociais e sexuais dos migrantes urbanos em uma favela da Tailândia", com abordagem quantitativa, ensina a relação entre os diferentes tipos de redes sociais e sexuais e os riscos para a saúde sexual e reprodutiva. A partir da descrição e análise de dados, sugere que as relações sexuais e sociais são importantes para o conteúdo, sugere o desenvolvimento de estratégias necessárias para diminuir os riscos de doenças sexualmente transmissíveis.

Outro exemplo das abordagens qualitativas, apresentado, por exemplo, o trabalho do australiano Gary Dowsett, "O jogo do corpo: corporalidade e um silêncio discursivo", cuja análise está baseada na história de vida de um único informante. Dowsett investiga a corporalidade do sexo, a atividade sexual enquanto prática coletiva, a construção sexual da socialidade em culturas onde o elemento social permanece distante da vida pessoal, confundindo o corpo. Sua proposta é a de repensar o corpo como algo ativamente desejante.

Ainda no campo da reflexão metodológica, o trabalho da pesquisadora mexicana Ana Amuchasteguí, "A entrevista como diálogo de negociação dos significados da virgindade e da iniciação sexual no México", analisa a relação entre investigador e objeto da investigação como um diálogo de criação, em que o entendimento dos significados é construído conjuntamente. De qualquer forma, tanto a polêmica exposição de Aggleton quanto outras acerca de técnicas e métodos de investigação apresentadas ao longo da conferência apontam para uma tendência que busca integrar metodologias quantitativas e qualitativas.

De Norte a Sul

O debate evidenciou as preocupações diferenciadas entre os pesquisadores dos países chamados em desenvolvimento e aqueles cujos trabalhos estão centrados nos países do Primeiro Mundo. De forma genérica, entre os primeiros destacam-se ele-

mentos como pobreza, miséria, falta de qualidade de vida da população e as dificuldades do próprio pesquisador para obter recursos para suas investigações. No Primeiro Mundo a problemática difere: os pesquisadores enfocam prioritariamente as grandes vertentes teóricas e as transformações do comportamento humano neste final de século.

Essas diferenças entre o Norte e o Sul traduziram-se ao longo de algumas discussões em uma tensão entre teoria e ação. De modo bastante simplificado, os pesquisadores do Norte pareciam preocupar-se mais com o aprofundamento conceitual, enquanto os do Sul reivindicavam mais ação, sobretudo para combater o avanço acelerado da epidemia de AIDS. Esta tensão, no entanto, não impediu o diálogo, consistindo mesmo em um importante elemento para a própria construção do dialogismo.

A preocupação com os desdobramentos práticos e políticos de suas investigações foi marcante entre os pesquisadores presentes, mesmo entre aqueles que trabalham no Primeiro Mundo, ao defenderem a ideia de que as abordagens de aprofundamento teórico são de grande interesse na prática em que consistem também em um instrumento de aprimoramento das intervenções sociais.

O trabalho de Rosalind Petchesky (dos Estados Unidos, "Direitos sexuais: inventando um conceito, mapeando uma prática política internacional", exemplifica essa preocupação. Para a pesquisadora, os direitos sexuais e a luta pela sua inclusão na Declaração Universal de Direitos Humanos da ONU é fruto de anos de trabalho de feministas e de ativistas gays e lésbicas e deveriam incluir um conjunto de princípios éticos, tais como diversidade sexual e de arranjos familiares, saúde, autonomia de tomada de decisão e igualdade de gênero.

Petchesky salienta, entretanto, que princípios éticos são abstrações inúteis sem as condições propiciadoras de seu exercício, isto é, sem mudanças sociais e estruturais que os tornem realidade para milhões de homens e mulheres. Isto implicaria garantir informação, acesso a serviços de saúde de boa qualidade, condições de moradia, alimentação e educação, assim como mudanças culturais amplas nas formas das instituições e da mídia perceberem homens e mulheres.

Essa pesquisadora ressalta ainda que, mesmo no Primeiro mundo, a ideia de direito sexual é bastante recente, caracterizando-se como uma tendência que começou a se manifestar a partir das conferências das Nações Unidas, realizadas em Viena (1993), no Cairo (94) e Pequim (95). Petchesky enfatiza que há dificuldade em pensar-se os direitos sexuais e reprodutivos como um valor positivo.

Novas tendências da pesquisa...

Não se trata apenas do direito de dizer não, segundo a pesquisadora, mas de dar um salto qualitativo no sentido de construir um direito concreto e positivo.

Homossexualismo masculino

A homossexualidade masculina foi tema de diversos trabalhos apresentados na conferência. "Sexualidade masculina e soropositividade: a construção das identidades sociais no Brasil", de Veriano Terto, discute as ligações entre a homossexualidade e a soropositividade e suas implicações para os ativistas gays brasileiros. Ele defende a idéia de que a pandemia de AIDS influenciou os estilos de vida e desejos dos homossexuais, do mesmo modo que estes influenciaram as respostas sociais que estão sendo dadas à epidemia e suas representações. Segundo o pesquisador, a mobilização em torno da AIDS tem sido um aspecto importante na construção da comunidade gay brasileira. A soropositividade, no entanto, ainda permanece um ponto controverso para os ativistas da AIDS, políticos gays e para a construção das identidades homossexuais.

Dédé Octomo abordou, em "Construindo uma masculinidade desafiante na Indonésia: categorias de gênero e sexualidade numa sociedade em transformação", a construção social e cultural da masculinidade, analisando estratégias de mudança de comportamento de transexuais e gays. Octomo estuda as formas de construção de gênero indígenas e tradicionais de seu país e critica o que chama de "branqueamento" (adoção de padrões do homem branco) na sexualidade indonésia, sobretudo na classe média.

Raphael M. Diaz apresentou estudo sobre as práticas sexuais de homens latinos gays e bissexuais nos Estados Unidos, intitulado "Uma teoria psicocultural do risco de HIV para o fortalecimento da educação sobre a AIDS". O objetivo da pesquisa é demonstrar que as idéias teóricas utilizadas como guias para a prevenção do HIV são seriamente limitadas, pois muitas delas foram formuladas originalmente para outros contextos de educação em saúde. O pesquisador, com isso, levanta a necessidade de novos paradigmas para a pesquisa aplicada à prevenção, que devem levar em conta variáveis históricas, culturais, contextuais e ainda situacionais dos comportamentos de risco.

De modo geral, tem crescido entre os pesquisadores das áreas de sexualidade, questões de gênero e saúde a percepção de que os mecanismos de transformação social são bem mais complexos do que as pesquisas sobre AIDS vêm refletindo. Assim, a tendência de analisar a sexualidade a partir de uma perspectiva comportamental caminha hoje em direção às ciências sociais, à economia, à política e à história, indicando uma abordagem multidisciplinar que possibilite ampliar e aprofundar as visões sobre esses processos de transformação.

Richard Parker é professor de Antropologia da Saúde e Sexualidade, do IMS/UERJ.

Regina Barbosa é médica, doutoranda do IMS/UERJ e pesquisadora do Instituto de Saúde/SP.

Elias Fajardo é jornalista.



SEXUALIDADE

GÊNERO E SOCIEDADE

**Programa de Estudos e Pesquisas em Sexualidade,
Gênero e Saúde — CEPESC/IMS/UERJ**

Av. São Francisco Xavier, 524 — 7º andar — bl. D

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20559-900

Tel: (021) 568-0599 — Fax: (021) 228-9526

E-mail: sexgen@vmesa.uerj.br

IMPRESSO